

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais

Prof^{as}: Rosália Duarte, Rita Leal, Ilana Eleá

Discente: Angelo Reis

angelloreis@hotmail.com

Resumo 01 - abril/ 2008.¹

RESENHA CRÍTICA

Referência: FANTIN, Monica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006, p.25-100.

Mônica Fantin é pedagoga e Doutora pela UFsc. Educadora em diversos níveis de ensino, foi colaboradora na Ufsc nos anos de 2002 e 2003. Faz assessoria na área de educação e cultura e trabalha com formação e capacitação de professores da rede pública e privada de ensino. Pesquisadora assistente no Grupo de Infância, Comunicação e Arte, do CNPq, é colaboradora do Museu do Brinquedo em Santa Catarina, na Ufsc.

Capítulo 1: Mídia-Educação e a Formação do Educador

A autora desenvolve questões pertinentes ao universo decorrente da interface mídia-educação, considerando as repercussões no campo educacional e no comunicacional, particularmente, no ambiente escolar.

Conforme deixa antever desde o título do texto, e já nos dois primeiros parágrafos, propõe-se discutir aspectos históricos e conceituais sobre o tema, apresentando um breve panorama internacional e considerando a mídia-educação como campo, disciplina e prática social.

Para justificar a interface dos campos educativo e comunicativo, a autora apresenta questionamentos quanto à função comunicacional da escola e as possibilidades de atuação do mídia-educador em empreender diversas práticas educativas e culturais, que visam promover cidadania. Ela aponta a cisão educação – cultura, atribuindo como consequência uma fragmentação do processo educacional. Nesse aspecto, questionamos, como se daria

¹ O texto se configura como parte da primeira atividade proposta aos alunos no curso de Especialização em **Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais**, turma 2008.1.

uma “cisão” de algo que está visceralmente imbricado, visto que educação é cultura, pois faz parte da mesma tendo seus processos de formação geral do sujeito diretamente condicionados, atravessados, influenciados por ela? Fantin, ainda citando Giraldello, questiona o papel da escola e sua a insuficiente problematização dos significados, mudanças e interferências nos processos de cognição dos educandos decorrentes das interações estabelecidas com as redes e mídias. Mônica Fantin defende a necessidade de discussão do papel da mídia no contexto educacional, considerando-se os desafios sociais contemporâneos. Citando Gilka Girardello, adverte ser preciso a “capacitação de crianças e professores mais aptos a apreciação e recepção ativa”, destacando a necessidade da mediação adulta sistemática para a construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem. Quanto a isso, consideramos haver necessidade de reflexão dos significados dessa “mediação sistemática” proposta pela autora, visto que os receptores das mensagens midiáticas- quer sejam crianças, jovens ou adultos – a despeito de seus níveis de cognição, cultura e consciência de si e do meio, não são seres passivos diante da mídia e de seus conteúdos, vivenciando uma dinâmica de trocas inter e intrapsíquicas nas relações com o meio, com o outro e com as mensagens.

Ela evidencia a interface educação-comunicação, sem desconsiderar as “lógicas distintas” de cada área. Justamente nessa interface, no contexto dessa discussão, surge a mídia-educação, afirma.

A autora passa a dedicar atenção detalhada aos sentidos do termo inglês *Media Education* para explicitar seus significados nas línguas de origem latina. Assim, empreende discussão quanto a especificidades terminológicas, destacando o significado da educação *para* os meios. Em relação à realidade brasileira, evidencia que o termo *educação para os meios*, significa todos os meios em geral e as relações de poder construídas e exercidas pela Mídia. Nesse trecho do texto, a autora traz uma fala interessantíssima afirmando que “a educação para as mídias é uma condição de educação para a cidadania, um instrumento para a democratização de oportunidades educacionais e de acesso ao saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais”.

Mônica Fantin faz uma distinção quanto ao termo mídia-educação, - que está relacionado tanto a uma abordagem de leitura crítica quanto à dimensão ferramenta pedagógica - e comunicação educacional. Cita Maria Luiza Belloni, questionando sua

proposição quanto à separação das terminologias mídia-educação e comunicação educacional. Também cita os trabalhos de Ismar Soares e o termo educomunicação, por ele divulgado no Brasil, em correspondência a Mídia-Educação.

Fica evidenciado pelo texto bem articulado, “que não existe um consenso quanto ao estabelecimento de bases conceituais e a delimitação desse novo campo teórico e prático com desdobramentos na cultura e na educação”. Fantin busca distinguir os termos mídia-educação, educação para as mídias e educomunicação. Para ela, educomunicação incorre em justaposição de palavras e possíveis abreviações de sentido e significados, por isso. A autora posiciona-se, claramente, em favor da mídia-educação, pois “as palavras-campo mantêm a autonomia e a complexidade constitutiva do termo, revelando que a relação acontece na *interface* dos dois campos em igualdade de espaços e sem hierarquizar um termo em detrimento de outro”. Particularmente, penso que isso é questionável. Lendo as proposições apresentadas pelo professor Ismar Soares, em textos disponibilizados no site do NCE/USP – Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, achamos lógica porém pouco relevante a discussão apresentada pela autora. As proposições da mídia-educação e da educomunicação têm as mesmas bases conceituais. É mera questão de terminologia, cuja forma não altera o conteúdo. Ambas defendem uma proposta de educação para as mídias, considerando tanto uma abordagem de leitura crítica e reflexiva e seu uso instrumental, designando historicamente a aprendizagem de sua linguagem expressiva e o suporte para a didática.

Fantin recupera a definição de Ferguson para mídia-educação. Que “é a incessante análise do modo em que nós interpretamos o mundo e do modo em que os outros interpretam o mundo por nós”. Citando David Buckingham, traz a idéia de que “os novos meios são usados contemporaneamente como objeto e como meio de aprendizagem, e as dimensões críticas e criativas são fortemente integradas”.

Baseando-se nas proposições e análises do professor Píer Cesare Rivoltella acerca da mídia-educação, ela nos apresenta duas configurações: a idéia de campo de conhecimento interdisciplinar, delineando-se, também, como possível *disciplina*, e prática social em contextos escolares e extra-escolares. Isso implica considerar que a mídia-educação é área de saber e de intervenção tanto como práxis educativa com um campo

metodológico e de intervenção didática, quanto instância de reflexão teórica sobre a práxis. É nesse campo onde se reaproximam educação e cultura.

O conceito de cidadania é relacionado e discutido com base em proposições de Rivoltella sobre direito civil, cidadania política, cidadania social e cidadania cultural, afirmando uma cidadania de pertencimento e de caráter instrumental, também. A mídia-educação tanto pode chamar a atenção dos poderes políticos quanto contribuir para essa mesma cidadania, por conta de sua especificidade.

Fantin, citando Mario Morcellini, ao tratar do papel da escola na formação da cidadania, nos fala da importância da mídia para “minimizar as assimetrias” quanto às capacidades cognitivas e participativas dos indivíduos. Trata-se de explorar conteúdos que muitas vezes são vistos tão-somente como entretenimento, explorando suas possibilidades de transformação cultural, interferindo na dinâmica social com novos arranjos relacionais de grupos, instituições, minimizando desigualdades sociais etc.

A segunda parte do texto enfatiza aspectos históricos e conceituais. Vemos que a mídia-educação nasce no início do século passado, paralelamente à formação da indústria cultural. As mídias eram consideradas pelos educadores como veículos da anticultura e desqualificadas por isso.

Evidenciaram-se concepções acerca da mídia. A *inoculatória*, que via a mídia – educação como um antídoto às ameaças da mídia para a saúde moral e cultural da crianças. A concepção de *leitura crítica*, fortalecida nos anos 60, configurou-se a partir de um certo discernimento quanto a importância de algumas mídias nos processos formativos do sujeito, no entanto, essa visão era seletiva e discriminatória. Uma terceira concepção, denominada *ideológica*, ganhou corpo nos movimentos sociais contra a cultura hegemônica. Por fim, configurou-se a concepção das *ciências sociais*, a partir dos anos 80, considerando a mídia como instância de práticas sociais, com relações complexas, reunindo estudos de semiótica, ideologia e análise do consumo. Surgem propostas curriculares, sem proposição de conteúdos ou objetivos, mas de aprendizagens conceituais para aumentar, segundo Balzaguette, “a compreensão crítica dos meios, na tentativa de compreender como funcionam, como produzem, como são organizados e como o público lhes dá sentido”.

São feitas citações sobre Barbero, Orozco, Canclini, Gonzáles e outros importantes autores e seus estudos sobre mediações, recepção ativa e consumo cultural.

Mônica Fantin, citando Escosteguy denuncia a existência de uma lacuna de estudos que trate da emergência dos estudos culturais, no campo da mídia-educação no país.

Citando Rivoltella, novamente, surge a noção de *alfabetização midiática* que, segundo ele, é a capacidade do sujeito “ler e escrever” criticamente as mídias e discutir temas com igualdade, direitos de acesso, participação e cidadania.

A formação profissional do mídia-educador é destacada pela autora, considerando que tanto o espaço escolar quanto o espaço midiático devem cuidar desse aspecto.

Ao fazer um breve panorama internacional da mídia-educação, Fantin cita experiências na Inglaterra, na África do Sul, na Austrália e no Canadá. Na Inglaterra, por exemplo, a mídia-educação tem estatuto de disciplina escolar com caráter de transversalidade; na Austrália a educação para mídia está mais voltada para o ensino médio; na África do Sul, desde os anos 90, o currículo reflete as transformações sociais e políticas do país, introduzindo a Educação para a Mídia; nos países nórdicos também se destacam pela adoção da mídia-educação pelo sistema de ensino oficial, afirma. Na Espanha, a mídia-educação foi discutida como tema transversal; na França há uma forte tradição de ensinar sobre filmes; na Itália, a inserção de uma disciplina curricular diz respeito a algumas experiências decorrentes da autonomia escolar; nos Estados Unidos alguns estados incluíram em seus currículos escolares algum tipo de prática pedagógica no sentido de instrução de mídia. Mônica Fantin faz menção, ainda, a algumas experiências na Índia, China e Japão. No Brasil e América Latina, experiências em mídia-educação emergiram à margem dos sistemas educativos oficiais, por serem fruto da luta contra regimes ditatoriais e assumirem papel estratégico e de resistência ao autoritarismo. Atualmente, há muitas parcerias entre ONGs e o Governo. Porém, faltam políticas educacionais que apoiem a mídia-educação na escola. Rivoltella, citado pela autora, destaca a presença de diversas associações em alguns países, cujo desempenho tem sido importante diante da resistência epistemológica do sistema escolar e de uma legislação desatenta e episódica.

No Brasil, particularmente, graças à identidade plural e à diversidade de nossa cultura, são encontradas experiências muito ricas e interessantes, em mídia-educação, com

forte caráter político; no entanto, carecendo de reflexão teórica a princípio, somente a partir dos anos 80 assumem essa perspectiva.

A mídia-educação possui diferentes identidades, assumidas ao longo do tempo nas diversas práticas empreendidas em contextos variados. A mídia-educação enquanto campo interdisciplinar, vai além da escola e do âmbito institucional, caracterizando-se, segundo Rivoltella, mais como uma sensibilidade difusa do que um campo disciplinar. Na busca de uma legitimidade epistemológica compreende-se a necessidade de discutir o seu perfil disciplinar. Os fundamentos, os princípios, o objeto, a configuração epistemológica têm como “pano de fundo” o encontro e a interface entre as ciências da comunicação e da educação.

A autora cita Rivoltella numa síntese de seu pensamento quanto a relação da mídia-educação e as ciências da comunicação e da educação, em suas perspectivas pedagógicas e didáticas. Autores como Paulo Freire e Celestin Freinet tiveram importante contribuição nesse campo teórico-prático.

Fantin apresenta diferentes concepções sobre mídia-educação, a saber: a *inoculatória*, na qual era vista como forma de defesa e proteção dos efeitos nocivos das mídias; a concepção *ideológica*, que a partir dos anos 60 entra com força através do cinema; a concepção de *leitura crítica*, difundida nos anos 70 configurando um dos principais métodos utilizados pela mídia – educação; a concepção das *ciências sociais* nos anos 80, centrando a atenção no papel do leitor, nos métodos das pesquisas de recepção dos estudos culturais.

O objetivo geral da mídia-educação é educar para a cidadania. Masterman, citado pela autora, apresenta os seguintes objetivos decorrentes dele: defesa e transformação dos sistemas de informação; colaboração cada vez maior com os profissionais das mídias; construção de redes nacionais e internacionais de mídia-educação; introdução de cursos de base de mídia-educação como direito de todos os estudantes; discussão sobre a necessidade de um novo paradigma para mídia-educação.

Quanto ao contexto da mídia-educação Rivoltella destaca algumas características: contexto metodológico ou tecnológico(educação com os meios); contexto crítico (educação sobre os meios ou para as mídias); contexto produtivo (educação através dos meios ou dentro das mídias). Mônica Fantin volta a discutir o papel da escola como mediador na

transformação cultural, enfatizando a formação do mídia-educador. Ela acredita que o perfil desse profissional deve estar de acordo com as identidades da mídia-educação. A mídia-educação é um campo de pesquisa em vias de disciplinarização, afirma. São levantadas questões quanto a necessidade de uma profissão de mídia educador.

As discussões que a autora apresenta são muito ricas, complexas e apontam a emergência do campo teórico da mídia-educação em decorrência de interfaces com a práxis. O texto é longo e bem encadeado, mas expõe uma gama de idéias, conceitos e noções que requerem leitura atenta e criteriosa.